

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA

- ECONOMIA COLABORATIVA -

Um dos principais ativos dos negócios do século XXI está baseado na antítese de um dos pilares do desenvolvimento do século XX: onde competíamos no passado, hoje colaboramos. Há um novo paradoxo onde a escassez perde força, ou seja, ocorre o esmagamento da visão de que os recursos são finitos e escassos, e, portanto, necessariamente alguns terão acesso, enquanto outros ficarão sem nada.

Hoje há um entendimento estabelecido de que há recursos o suficiente sim! O que ocorre é que eles estão mal distribuídos, muito concentrados. Tal desequilíbrio decorre da aplicação exaustiva do conceito de propriedade exclusiva. Ao delimitarmos que tal bem, terra, produto, máquina, etc servirá de uso fruído a somente um único e seleto grupo, estamos fadando aquele mesmo objeto de posse a uma vida de sub aproveitamento de sua capacidade pois sempre haverá ociosidade (máquinas paradas, carros na garagem, casas ocupadas somente no final de semana, etc). No momento que a referida posse possa ter seu acesso compartilhado entre muitos, diminui-se exponencialmente a ociosidade da mesma.

Portanto, o desafio é reorganizar a lógica de produção e de consumo de forma a permitir um acesso mais igualitário. Ou seja, colaborar e compartilhar para termos acesso a mais. E, onde a escassez perde força, vemos subir novos níveis de confiança, e com eles vemos o antigo contexto dar passagem para a construção de um cenário onde além do compartilhamento de informações, acontece também a partilha de espaço de trabalho, da infraestrutura de execução, e do uso fruído dos serviços e dos produtos pelos próprios consumidores finais. Estes são aspectos da Economia da Colaboração, onde os ganhos, e até mesmo os riscos, são compartilhados.

Em uma perspectiva a partir da esfera de produção de bens, produtos e serviços, podemos observar que a economia colaborativa está pesadamente baseada na articulação entre-redes e intra-redes. Há um entendimento empírico e dogmático que "o inventor gênio já morreu". Ninguém acredita, ou sequer vê como inspirador, a visão do lobo solitário, isolado em busca do produto perfeito. A visão desta tribo é que uma única cabeça dificilmente pensará melhor do que duas ou mais cabeças com perfis diferentes, porém complementares. Esta compreensão dá espaço para uma preferência por atuação em redes de talentos complementares.

Pode-se dizer que a economia colaborativa anda muito próxima da Economia Criativa visto que o efeito de criação em rede é a coluna dorsal das duas. A cadeia produtiva criativa traz naturalmente esta característica onde uma ou mais artes são articuladas, em conjunto com disciplinas técnicas, para se criar um produto, por exemplo, música, vídeo e marketing para comercializar um filme.

Esta atuação em rede necessita de um exercício diário que busca equilibrar empatia (para promover o diálogo multidisciplinar), confiança (para permitir a troca de informações e valores) e experimentação (para testar e evoluir novas configurações). É por esta razão que estes coletivos conectados procuram também se instalar em ambientes compartilhados.

A proximidade física promove o diálogo e inspira a criatividade, ainda mais quando vemos que estes são espaços nada tradicionais. Existe, inclusive, uma preferência pela subversão de espaços depredados ou históricos em "powerhouses" criativas.

No entanto, há também vários graus de pragmatismo no compartilhar do espaço. Primeiro, é possível e desejável ratear os custos de infraestrutura entre os diversos co-habitantes.

Segundo, a proximidade permite uma rápida comunicação para a configuração de propostas de trabalho únicas, compostas por um arranjo de talentos que só existirá naquela rede específica. Esta característica também permite a constituição e manutenção de empresas pequenas e enxutas. Nelas, a medida que projetos vão sendo contratados, ocorre também uma aproximação de outros empreendedores ou empreitadas para juntar esforços em prol

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA

- ECONOMIA COLABORATIVA -

daquela demanda. O pesquisador John Howkins chama este tipo de estratégia de "contratação de pessoas *just-in-time* e formação de empresas temporárias", fazendo uma referência à estratégia da economia tradicional de manter baixo estoque de peças ociosas.

Terceiro, o espaço físico compartilhado (especialmente aquele que oferece uma infraestrutura robusta) se torna um grande atrativo para a circulação de pessoas externas aquela rede, no entanto, com interesses afins, tornando o espaço um grande nó de articulação entre diversas redes transversais, bem como ponto de encontro de vendedores e compradores de serviços.

Vale destacar que o espaço físico compartilhado não é o elemento principal da economia da colaboração. Ele é só o *hardware* onde tudo acontece. O importante mesmo são as pessoas, as redes. Elas são o *software*. E é na economia da colaboração que vemos aflorar um movimento deveras interessante que afeta diretamente a capacidade de financiamento, produção e consumo de bens, produtos e serviços. Estamos falando do fenômeno do "*crowding*" (neologismo em inglês que, em uma tentativa de tradução, poderia ser entendido como "aglomeração" ou "ajuntamento"). Trata-se do entendimento que é possível articular um número muito maior de recursos (financeiros, humanos, intelectuais, tecnológicos, etc) em uma "multidão" (ou um conjunto de redes) do que seria possível alavancar sozinho. Este não é um fenômeno novo, como pode ser visto, por exemplo, no movimento *Open Source* (Código Aberto) que surge no final da década de 1990 com o desenvolvimento do sistema operacional Linux, criado por uma rede de desenvolvedores espalhada pelo mundo inteiro.

Em tempos mais recentes, uma forma específica de *crowding* se tornou bastante famosa e comum. Estamos falando do "*crowdfunding*" (financiamento coletivo), ou seja, a utilização das redes/multidões para financiamento de projetos independentes. Algumas plataformas como o Catarse.me (criado por desenvolvedores gaúchos), Benfeitoria.com e Vakinha.com.br foram os pioneiros deste movimento no Brasil. Hoje há ainda mais opções como mostra um artigo da Revista Exame publicado em agosto de 2014, como o Kikante.com.br, juntos.com.vc, bicharia.com.br e o queremos.com.br. Ele é vastamente utilizado por empresas start-ups, artistas e programas sociais para financiar projetos de cunho independente, autoral e social. Nesta modalidade, qualquer pessoa física ou pessoa jurídica pode apoiar financeiramente um projeto cadastrado em uma plataforma. Este apoio é em geral feito mediante uma promessa de recompensa (projetada pelos autores do projeto), que variam desde simples citações de crédito pelo auxílio no financiamento do projeto, até recompensas customizadas feitas especialmente para aquela pessoa/empresa, ou até participação em cursos e eventos promovidos pelo projeto apoiado. Esta lógica de financiamento coletivo é aplicada a uma gama de modelos diferentes, podendo apoiar projetos artísticos, projetos sociais, financiamento recorrente para empresas e cidades, etc.

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA

- ECONOMIA COLABORATIVA -

A seguir, analisamos estudos de casos, sites na região metropolitana da cidade de Porto Alegre/RS, que exemplificam como estes novos negócios operam na Economia Colaborativa.

Vila Flores
http://vilaflores.net
Situado na Rua São Carlos esquina com a Rua Hoffmann, é um conjunto arquitetônico, construído entre os anos 1925 e 1928 pelo engenheiro-arquiteto José Franz Seraph Lutzenberger, formado por 3 edificações e um pátio em um terreno de 1.415 m ² . As edificações estão listadas no Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Bairro Floresta, classificadas como imóveis de Estruturação e situadas em Área de Interesse Cultural de Porto Alegre. Atualmente, o espaço abriga diversas funções: local para a realização de atividades socioculturais, espaço de trabalho de artistas e empreendedores criativos (os residentes) e ambiente de aprendizado. O projeto arquitetônico, elaborado pela Goma Oficina, ainda prevê, futuramente, apartamentos para moradia temporária, loja, cafeteria e memorial.
R. São Carlos, 753 - Floresta, Porto Alegre - RS, 90220-120

La Casa de Pandora
http://lacasadepandora.com.br
Casa colaborativa que abriga projetos e profissionais que gravitam em torno da economia criativa, das artes e da cultura. A casa tem o objetivo de hospedar as empresas durante os seus primeiros anos e atuar como catalisador durante o seu desenvolvimento. Ela é aberta para quem quiser participar e não tem fins lucrativos.
Rua Comendador Azevedo 521, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Nós Coworking
http://noscoworking.com.br
Espaço de co-working, local onde profissionais autônomos ou empresas podem utilizar a infraestrutura do local, internet, cadeiras, mesas, salas de reuniões, etc., mediante contratação de plano de pacotes de horas. Perfeito para projetos nascentes que necessitam de economia de custos, boa internet e espaço para networking.
Shopping Total Av. Cristóvão Colombo, 545 Prédio 2 - 5º andar - Alameda dos Escritores - Porto Alegre / RS

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA

- ECONOMIA COLABORATIVA -

Casa Duplan 146

<https://www.facebook.com/pages/Casa-Duplan146>

Casa colaborativa para empresas da economia criativa. Os residentes atuam em áreas afins, como vídeo, design, comunicação e grafite. Abriga também diversos projetos itinerante, ligados à arte e à cidadania. As empresas ali residentes compartilham os custos da casa e atuam ativamente na promoção e adensamento da comunidade em torno da casa.

Rua Professor Duplan, 146 - Bairro Rio Branco - Porto Alegre / RS

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA - ECONOMIA COLABORATIVA -

MAPEAMENTO DE TENDÊNCIAS EM ECONOMIA CRITIVA - ECONOMIA COLABORATIVA -